

“SAGA BEIRADEIRA”: o cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré-RO entremeado por atividades produtivas e reprodutivas

Rúbia Elza Martins de Sousa¹
Luciana Pinheiro Viegas²

Resumo

A fragmentação dos espaços privado e público e o controle concernente a cada um destes mediante o desenvolvimento de atividades reprodutivas e produtivas está objetivada no espaço, nas coisas e nos procedimentos sociais. Este trabalho foi desenvolvido na comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada na margem esquerda do Rio Madeira, há aproximadamente 120 km do município de Porto Velho, com o objetivo de analisar o cotidiano das mulheres ribeirinhas com enfoque nas atividades produtivas e reprodutivas enquanto elementos que constituem a espacialidade deste grupo específico. Metodologicamente a pesquisa se constitui qualitativa e os procedimentos utilizados foram pesquisa bibliográfica e de campo, que se caracterizou pela realização de entrevistas semiestruturadas e observação participante. Foi constatado que as mulheres de Nazaré estão presentes tanto no espaço público, quanto no privado, desenvolvendo atividades produtivas e reprodutivas, mas sua atuação efetiva, no que tange à tomada de decisão, se dá apenas no espaço privado.

Palavras-chave: Mulheres ribeirinhas, Atividades produtivas, Atividades reprodutivas.

Introdução

A espacialidade ribeirinha está impregnada do modo de saber-fazer de mulheres, uma vez que a materialidade deste espaço tradicional se constitui por meio do processo de produção e reprodução concebido e estruturado em grande medida também por estes indivíduos.

Ao adentrar a este campo de análise, entendemos que seja necessário olhar atentamente para os vínculos estabelecidos por estas mulheres com os elementos espaciais, bem como sociais. Sendo assim, é fundamental focar as relações que estas estabelecem no contexto doméstico, enquanto mães, esposas e donas de casas, atentando-se para sua atuação fora do âmbito doméstico, na qualidade de trabalhadora que lida diretamente com a produção agrícola e extrativista e se ocupa de atividades voltadas à prestação de serviços.

Este trabalho é parte de pesquisas que, enquanto membro do Grupo de Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGenero, temos desenvolvido desde

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. rrubiaelza@gmail.com.

² Professora do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade do Estado de Mato Grosso. lucianapviegas@yahoo.com.br.

2011 na comunidade ribeirinha de Nazaré. Esta comunidade está localizada na margem esquerda do Rio Madeira, na região do Baixo Madeira, há aproximadamente 120 km do município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.

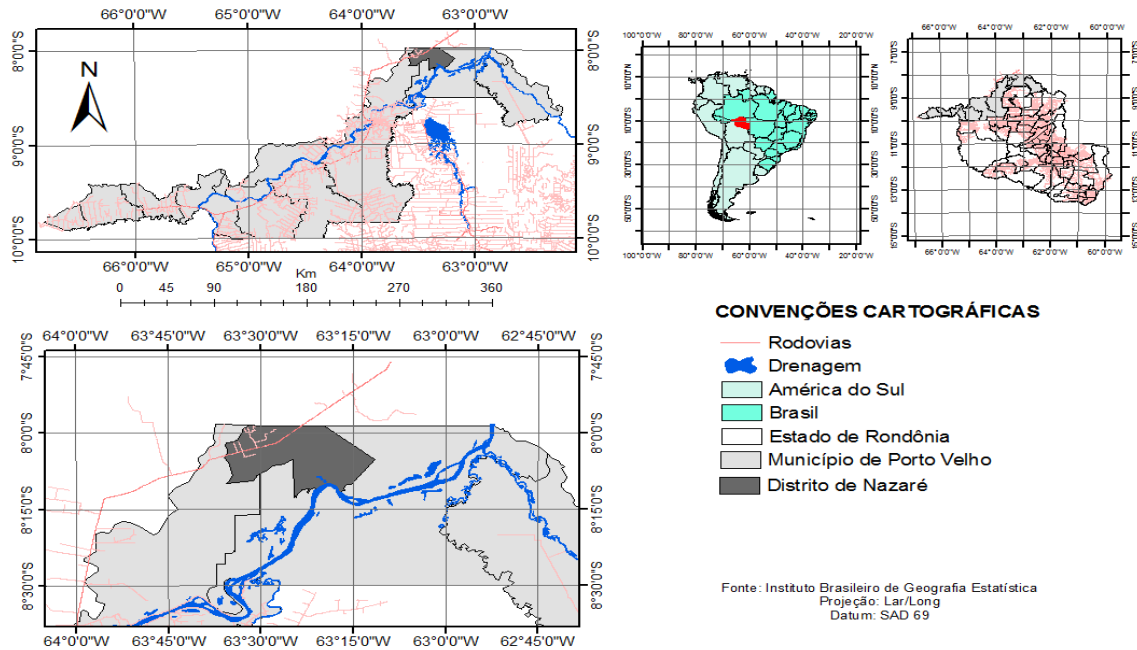


Figura 1 – Localização da comunidade de Nazaré - Fonte: IBGE - Org. CRUZ, L. M (2013).

Temos como objetivo neste artigo analisar o cotidiano das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré-RO com enfoque nas atividades produtivas e reprodutivas enquanto elementos que constituem a espacialidade deste grupo específico.

Metodologicamente o estudo em tela se constitui de caráter qualitativo e os procedimentos metodológicos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, buscando embasamento teórico e metodológico; pesquisa de campo, pois proporciona ao(a) pesquisador(a) ver, analisar e refletir sobre o interminável movimento de transformação do ser humano em sua dimensão espacial. A pesquisa de campo foi caracterizada pela observação participante e entrevista semiestruturada realizada com quatro mulheres.

Envolvimento e Atuação das Mulheres de Nazaré em Atividades Produtivas e Reprodutivas

Na história de ocupação do espaço ribeirinho no Estado de Rondônia, proveniente das correntes migratórias para os seringais da Amazônia, as mulheres estiveram presentes e foram atuantes junto aos homens na formação dos grupos sociais que ali se estabeleceram. Nazaré, comunidade pesquisada, foi um antigo seringal chamado na época de Boca do Furo (MENEZES, 2014), e na década de 1940, quando ao final da Segunda Guerra Mundial houve o declínio do Segundo Ciclo da Borracha, a comunidade surge servindo-se da infraestrutura comunitária que abrigava os seringueiros.

As mulheres que no passado foram importantes para a constituição dessa comunidade e aquelas que ainda habitam no local, com árduo trabalho e empenho contribuíram e contribuem para a manutenção da vida neste espaço tradicional, fomentando as relações sociais entre os indivíduos que neste habitam.

Em nosso estudo queremos ouvir e reconhecer a visibilidade às mulheres ribeirinhas de Nazaré, apresentando suas narrativas e experiências de vida que nos foram contadas, de modo a retratar as diferentes formas com que estas vêm se apropriando do espaço e os distintos trajetos traçados neste espaço permeado por relações tradicionalmente constituídas.

É necessário compreender que embora a comunidade ribeirinha pesquisada, assim como as demais comunidades tradicionais, possua um modo de vida³ particular, consideramos os indivíduos que vivem em Nazaré e, em específico as mulheres, como seres plurais que constroem trajetórias próprias de vida que estruturam-se a partir da relações produtivas e reprodutivas que se desenvolvem no contexto socioespacial. Nosso percurso de pesquisa em Nazaré nos proporcionou o encontro com um grupo heterogêneo de mulheres, que ainda que compartilhem experiências por viverem em um contexto espacial específico, trilham diferenciados caminhos de vida.

A espacialidade ribeirinha está impregnada do modo de saber-fazer de mulheres, uma vez que a materialidade deste espaço tradicional se constitui por meio do processo de produção e reprodução concebido e estruturado em grande medida também por estes sujeitos.

³ Entendemos modo de vida a partir da concepção de Doralice Satyro Maia (2001), pois para esta autora este conceito embora permeado de problemas conceituais e metodológicos, refere-se a hábitos próprios de um grupo que vive em determinado lugar. Segundo a autora a noção de modo de vida está impregnada pela ideia central de “expressar costumes”, referindo-se diretamente a uma forma de vida.

Ao adentrar a este campo de análise, entendemos que seja necessário olhar atentamente para os vínculos estabelecidos por estas mulheres como elementos espaciais, bem como sociais. Sendo assim, é fundamental focar as relações que estas estabelecem no contexto doméstico, atentando-se para sua atuação fora do âmbito doméstico.

O cotidiano das ribeirinhas é marcado por atividades desenvolvidas no âmbito doméstico, uma vez que as funções ligadas ao núcleo familiar são exercidas pela mulher. Mesmo que estas se ocupem em outras tarefas ligadas, por exemplo, a estudo e a atividades pluriativas⁴, ainda assim o trabalho doméstico continua sendo de sua inteira responsabilidade.

Esta imposição do trabalho doméstico como sendo uma responsabilidade da mulher, reflete a dominação masculina que existe nas comunidades ribeirinhas. Este espaço tradicional está carregado de princípios culturais que são ditados a partir da lógica patriarcal, sendo esta apoiada em um sistema hierárquico de relação que apresenta uma estrutura de poder baseada em uma ideologia (SAFFIOTI, 2015).

Neste contexto, em uma das entrevistas que realizamos durante a pesquisa de campo, a entrevistada nos relatou que muitas mulheres encontram dificuldade para desenvolver atividades fora do âmbito doméstico, devido ao fato de que o marido não aceita que estas negligenciem as atividades domésticas, como apresentado nesta fala:

[...] embora tenha algumas [mulheres] que a gente encontra bastante dificuldade né, mas vamos tentar resgatar elas todas e trazer [...] é mais obstáculo sobre... mais mesmo sobre influenciar elas a ficar em casa [...] trabalho de casa, tem menino, tem marido e tem marido que tem opinião diferente né de outros maridos né que deixa participar de reunião, que deixam a mulher participar de um curso e tem umas que se encontram muito nessa barreira né, não tentam né, porque assim, tipo, ele é o que banca a casa né e, elas encontra essa barreira. [...] tem que ouvir ele, tá certo né, tem que respeitar, mas tem que fazer alguma coisa né. Se eu fosse ouvir meu esposo, eu não saía nem na rua, mas assim, ele é machista, mas eu tento [...] (VÂNIA, agosto, 2016).

Verifica-se, segundo o depoimento da entrevistada, que uma das barreiras enfrentadas pelas mulheres de Nazaré quanto ao desenvolvimento de outras atividades que não estejam ligadas ao cenário familiar, está relacionado ao fato de que o marido enquanto provedor financeiro sente-se no direito de requerer da esposa a dedicação ao lar. No que concerne a esta

⁴ De acordo com Marafon (2006), pluriatividade pode ser definida como um fenômeno onde famílias de agricultores tradicionalmente ocupadas com atividades estritamente agrícolas passam a desenvolver outras atividades como estratégia de complementação de renda. Essa complementação pode vir através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços, ou de iniciativas internas da propriedade ligadas ao artesanato, diversificação da produção e pequenos beneficiamentos de seus produtos.

situação, Bila Sorj (2004) contribui para a reflexão quando argumenta que o trabalho doméstico reconhecido como “dote natural” é aportado pelas mulheres ao casamento em troca do sustento material.

Rago (2004, p. 31) afirma que “Ser mulher [...], significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um ‘bom partido’ para um casamento indissolúvel [...]”. Percebe-se que a segurança da mulher está sempre atrelada a uma figura masculina, pois esta sob o estereótipo de delicadeza e sensibilidade, em muitos casos, não se vê capaz de desenvolver as mesmas atividades que os homens.

Além deste fato, considera-se que neste cenário historicamente construído e impregnado de subjetividades associadas às práticas patriarcais, as ribeirinhas aceitam passivamente sua condição de “donas de casa”, acreditando que se biologicamente se constituem do sexo feminino, cabe-lhes, portanto, a atribuição de cuidar do lar. Esta divisão hierárquica que subordina a mulher ao trabalho doméstico justifica-se por ser considerada atributo natural da mulher, um *know-how* próprio do gênero feminino, configurando-se, portanto, como dom e não como trabalho.

Quanto a isso Bourdieu (2014, p.21) afirma que:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos, nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

A diferença biológica entre os sexos fundamenta-se como natural, justificando as diferenças que socialmente são construídas em torno de mulheres e homens, inclusive àquelas relacionadas à divisão sexual do trabalho. A naturalização de práticas sociais de homens e mulheres assenta-se em princípios de visão e divisão que classificam tudo aquilo que existe no mundo conforme distinções que se reduzem à oposição entre o feminino e masculino (BOURDIEU, 2014).

O trabalho reprodutivo desempenhado por essas mulheres no âmbito doméstico é socialmente desvalorizado, frente às atividades tidas como produtivas, visto que o “ser dona de casa”, além de não gerar prestígio social, também não gera recursos monetários. O modo de produção capitalista traz como implicação direta a acumulação de capital e, deste modo, a

força de trabalho que não produz mais-valia, torna-se desprestigiada. A partir desta visão, o trabalho doméstico é considerado como inatividade econômica.

Segundo Cisne (2015, p.117), a divisão sexual do trabalho “[...] segmenta os trabalhos de homens e mulheres e hierarquiza tais trabalhos de forma a subalternizar os considerados naturalmente femininos em relação aos considerados naturalmente masculinos”. No entanto, essa segmentação que confina mulheres de um lado e homens de outro deve ser entendida como uma determinação construída socialmente e não como um atributo natural.

O cotidiano da mulher ribeirinha está entremeado entre sua atuação na esfera reprodutiva e também na produtiva, visto que desempenham papel fundamental na produção familiar, no que tange às atividades agrícola e extrativista. Em Nazaré, as atividades produtivas baseiam-se na agricultura e na atividade extrativista, sendo os principais produtos extraídos e cultivados: açaí, castanha, melancia, cupuaçu e banana.

Deste modo, encontramos depoimentos de mulheres que junto ao marido se empenhavam na lavoura, como demonstrado nas falas colhidas durante as entrevistas:

[...] a gente planta, a gente colhe, não é com química nenhuma. Se tivesse uma oportunidade eu ia te amostrar meus pés de feijão é... do sul que eu plantei. Tem um feijão de outra qualidade, já tá tudo madurando, eu to sem tempo de colher. [...] Minha juventude tudo foi na roça, carregando paneiro⁵ de mandioca nas costa [...] eu parei de trabalhar na roça em 90 [ano de 1990]. [...] Em 94 [ano de 1994] eu me aposentei, aí não trabalhei mais porque eu comecei um problema na coluna, aí eu fui fazer um exame e o médico me proibiu de carregar peso, aí eu tenho duas hérnias de disco nas costas, não posso mais carregar peso (MARGARIDA, agosto, 2016).

[...] a gente trabalhava na agricultura né [ela e o esposo], sempre a gente criou nossos filhos trabalhando, fazer quem meu marido, na roça mesmo! No duro! Eu ia pra roça [...] Eu consegui minha aposentadoria como agricultora [...] (FÁTIMA, agosto, 2016).

De acordo com dados de estudo realizado por pesquisadores(as) do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGENERO – e publicados na dissertação de mestrado de Lopes (2013), em Nazaré 47% das entrevistadas dedicam-se à agricultura. Corroborando com as narrativas das mulheres entrevistadas em nossa pesquisa, este dado representa numericamente a forte presença destas mulheres nos espaços produtivos. Mas, diante da realidade de um espaço tradicional permeado por práticas

⁵ Paneiro é um objeto característico da região norte. É um cesto utilizado com a finalidade de transporte e armazenagem em geral.

patriarcais, é necessário analisar até que ponto, ou até qual ponto, estas mulheres conseguem chegar, no que se refere aos processos decisórios, relacionados à produção agrícola.

Desta forma, no contexto estudado, muito embora estas mulheres estejam engajadas nas atividades agrícolas, as decisões tomadas quanto à comercialização dos produtos ainda é uma responsabilidade masculina. O contato com os agentes externos sejam eles de Porto Velho, Manaus ou mesmo de comunidades vizinhas nesse processo de negociação, é realizado unicamente pelos homens.

A este respeito, entendemos que, como afirma Cisne (2015), há uma cultura sexista de submissão que se encarrega de adequar as mulheres aos limites do privado, como se a esfera pública e tudo aquilo ligado a ela pertencesse ao universo masculino, como historicamente foi definido.

Além dos fatores ligados à comercialização da produção, pudemos constatar a partir da nossa vivência na comunidade, que os processos de decisão que se dão no âmbito da Associação dos Produtores, Moradores e Amigos de Nazaré – AMPAN – são de domínio masculino. Confirmando nossa constatação, Lopes (2013, p. 95) ao desenvolver sua pesquisa na comunidade, concluiu que:

“[...] a mulher ribeirinha ainda possui uma participação tímida, fato que pode ser observado a partir da associação destas na ANPAM, que ainda é inferior à masculina. [...] houve um aumento na procura feminina para associar-se, mas mesmo assim, elas ainda têm uma participação inferior a dos homens”.

Faz-se importante ressaltar que parte da diretoria da AMPAN é ocupada por mulheres. Desta forma, o cargo de secretária é exercido por uma mulher e, o de presidente também, sendo que a ocupante deste último vem assumindo cargos na Associação desde 2011, o primeiro deles como secretária e o segundo como tesoureira⁶. A atual presidente, que na época da entrevista assumia o cargo de secretária, ao ser questionada sobre sua participação na diretoria, respondeu que sua maior dificuldade não está em lidar com homens e nem em relação a possíveis resistências que existam por parte desses, mas sim na organização

⁶ Essa constatação de mudanças na diretoria da AMPAN foi verificada na última atividade de campo realizada em julho de 2017. Diante da identificação deste fato e de outros, como, por exemplo, a criação – em 2016 – da Associação de Mulheres de Nazaré, nos tem levado a seguinte análise, ainda preliminar: essas particularidades encontradas em Nazaré indicam que está em processo uma feminilização do lugar, que em parte se diferencia da vida das mulheres de outros períodos a partir da abertura de espaços de atuação na mobilização política. Em momento posterior dedicaremos um artigo para emprender análises sobre este processo de transformações que estão ocorrendo na comunidade estudada.

administrativa, pois segundo ela, antes de assumir o primeiro cargo havia total desorganização, e ela atribui essa situação ao fato de que até então estas atividades tinham sido desempenhadas apenas por homens (LOPES, 2013).

Para esta mulher a presença das mulheres na associação ainda é deveras acanhada, sendo os homens aqueles que possuem maior importância e notoriedade tanto no âmbito administrativo, quanto nos espaços e processos de tomada de decisão.

Diante desta realidade, compreende-se que embora essas mulheres estejam presentes no espaço público, sua atuação efetiva, no que tange à tomada de decisão, se dá apenas no espaço privado – apenas em relação às atividades que lhes competem – visto que os processos decisórios, para além da unidade familiar, estão sob o comando dos homens, circunstância esta que expressa um dos vieses da dominação masculina exercida neste espaço.

Nesta perspectiva, Biroli (2014) trata as esferas público e privada como um complexo diferenciado de relações, de práticas e de direitos e, é neste universo que as mulheres estudadas encontram dificuldade e, muitas vezes até desinteresse, em inserir-se nos espaços de deliberação decisória, posicionando-se como portadora de direitos igualitários perante os homens, visto que, a partir de um contexto histórico-cultural, estas assimilaram que suas atribuições enquanto mulher não estão voltadas ao poder, ao questionamento e à tomada de decisão.

A fragmentação dos espaços privado e público e o controle concernente a cada um destes se mostra bastante solidificado e natural nas comunidades tradicionais, estando objetivada nas coisas, nos procedimentos sociais, de forma a funcionar como um sistema de percepção, pensamento e ação. Isto porque há uma concordância entre estruturas que são objetivas e outras cognitivas, legitimando o arbitrário como natural.

Ainda neste contexto de buscar compreender a atuação da mulher nas atividades produtivas, identificamos que o trabalho desempenhado por estas nas atividades agrícolas configura-se como “ajuda”, tanto a partir da ótica do homem, como das próprias mulheres. Ao não julgar que o trabalho produtivo seja inerente à sua natureza, enquanto mulher, estas se identificam como auxiliares dos esposos. Estes por sua vez, por entender que são os responsáveis pelas atividades agrícolas, consideram que o trabalho feminino seja de fato uma “ajuda”, pois para estes as mulheres são responsáveis pelos afazeres domésticos, como ora retratado.

Corroborando com esta compreensão, Nascimento Silva (2011, p.143), afirma que o fato do trabalho agrícola desempenhado por mulheres ser concebido como “ajuda”, “[...] reflete nas tomadas de decisões sobre a propriedade, que em geral, são masculinas”. Desta forma, fica claro o porquê das mulheres estudadas estarem ausentes nos processos ligados à comercialização da produção, bem como àqueles voltados a tomadas de decisão.

Fechine (2007, p.80), ao desenvolver pesquisa com comunidades ribeirinhas do Rio Madeira, analisando o cotidiano das mulheres, constatou que:

[...] o dia de trabalho começa com as atividades relacionadas com a manutenção da família. Em alguns casos é relatada a participação dos demais membros da família, como capazes de “ajudar”. No entanto, a mulher se considera responsável, fazendo referência em ser a “dona de casa”, expressão que se destacou em primeiro lugar quando foi perguntada qual a condição atual e/ou profissão naquele momento.

Destarte, verifica-se que o contrário, ou seja, quando o homem desempenha os serviços domésticos, as mulheres consideram sua atuação como “ajuda”. A divisão sexual do trabalho que legitima o lugar da mulher e do homem no contexto socioespacial, faz com que as atividades exercidas por estes fora da esfera de atuação convencionalizada como sendo a feminina e a masculina, sejam reconhecidas apenas como auxílio, refletindo a desvalorização da força de trabalho exercida “fora de contexto”.

Diante do apresentado, consideramos que na prática cotidiana ribeirinha a mulher possui papel importante no desenvolvimento das atividades produtivas, uma vez que são ativas no desempenho das funções operacionais, mas uma vez que estas são, em geral, excluídas das funções ligadas à gestão, consideramos que o trabalho feminino, mesmo nas esferas produtiva, continua invisibilizado e desvalorizado.

No que se refere às atividades ligadas ao beneficiamento da produção agrícola, as mulheres exercem importantes funções. Em pesquisa que realizamos anteriormente na comunidade (2013), verificamos que o beneficiamento de produtos é uma prática sazonal, uma vez que só acontece em datas próximas a festejos com vistas à comercialização, com exceção da farinha, produto largamente consumido pela comunidade.

A farinha é um alimento de origem indígena que compõe parte da alimentação habitual brasileira, assim em Nazaré este produto é muito utilizado na composição da alimentação, sendo fabricado na própria comunidade. Além da fabricação para o consumo familiar, algumas famílias comercializam o excedente.

A partir do convívio junto à comunidade durante a pesquisa de campo, averiguamos que o beneficiamento da mandioca para a fabricação da farinha é realizado tanto por mulheres quanto por homens, sendo que cada um se encarrega de fases específicas durante a produção. Em uma das atividades de campo que realizamos em janeiro de 2012, tivemos a oportunidade de vivenciar parte do processo de produção da farinha, junto a duas senhoras.

Desde o cultivo da mandioca até o produto final, o processo de produção da farinha passa por várias etapas, sendo elas: limpeza do terreno, plantio das manivas⁷, limpeza do roçado, colheita, transporte, raspagem, lavagem e cevagem. Na produção toda a família se envolve, sendo que certas atividades são desenvolvidas por sujeitos específicos, como descrito por Fachine (2007, p.93-94):

A primeira etapa do processo é a limpeza do terreno, e esta é feita tanto por homens quanto pelas mulheres. Em seguida vem a plantação das manivas e nessa etapa todos os membros da família cooperam, inclusive as crianças a partir de 05 (cinco) anos de idade. Com relação ao plantio, geralmente, o homem faz a cova e as mulheres e crianças plantam as manivas. A limpeza do roçado fica mais restrita ao homem, enquanto as mulheres estão encarregadas dos serviços de casa. Na fase da colheita, o serviço é mais relacionado como sendo de responsabilidade dos homens pelo grande esforço físico que requer para arrancar a mandioca da terra. Quanto à etapa de descascar as mandiocas, essas atividades são destinadas às mulheres e crianças. A lavagem é dividida entre os homens e as mulheres. Em seguida é a etapa de cevar a mandioca, pondo-a de molho em torno de 4 (quatro) a (05) cinco dias, dentro de uma caixa de plástico [com água] até virar puba⁸. Mistura-se outra parte de mandioca ralada àquela massa e é chegada a hora de levar à prensa de madeira para retirar toda a água; atividade desempenhada pelos homens porque requer muita força física. No dia seguinte, a massa estando bem enxuta, as mulheres e as crianças são responsáveis pela atividade de peneirar toda a massa. Na etapa de levar ao forno, ao homem é destinado o processo de escaldar a farinha, entrega em seguida às mulheres para terminar de secar e dar a coloração desejada da farinha. Depois do ponto desejado, a farinha é colocada numa gamela⁹ de madeira para esfriar. Depois de fria, tanto homens quanto às mulheres, participam do processo de ensacar a farinha em sacos de fibra.

Salienta-se que a experiência que tivemos com a produção da farinha se deu em uma família monoparental, visto que o esposo de Maria de Nazaré¹⁰ – falecida em 2016, havia falecido há alguns anos, desta forma ela nos relatou que era a responsável por todas as fases da produção da farinha, recebendo auxílio da vizinha e em alguns momentos dos filhos, depois que estes ganharam idade. Maria de Nazaré nos relatou que quando os filhos eram

⁷ Pedacos de raízes utilizados para gerar novas mudas.

⁸ Processo de fermentação da mandioca

⁹ Recipiente utilizado para armazenagem

¹⁰ Em nossa última visita à casa de Maria de Nazaré – 24 de julho de 2015 – ela nos relatou que por conta da saúde já bastante debilitada precisou deixar de fabricar farinha e todas as outras atividades que desenvolvia – pesca e agricultura – de forma que os filhos passaram a sustentá-la.

pequenos, ela já sem o esposo, os levava para a “roça” e, a fim de protegê-los cobria parte do corpo destes com terra, enquanto fazia o plantio das manivas.

Por ser uma família monoparental e por ter perdido o esposo enquanto os filhos ainda eram novos, essa mulher também se ocupava na comercialização do excedente da farinha, porém quando os filhos ganharam idade estes passaram a tomar conta da venda do produto. Assim como aconteceu nesta família em especial, acontece em diversas outras, uma vez que como já relatado neste trabalho, embora as mulheres estejam intensamente envolvidas no fabrico da farinha, as atividades referentes à comercialização do produto ficam a cargo do homem, seja ele marido, filho, irmão.

Sendo assim, mesmo diante da plena atuação das mulheres nas atividades produtivas, pelo fato de que elas consideram que o homem é o maior responsável pelo desenvolvimento destas, elas atribuem a eles também a responsabilidade pelo sustento financeiro da família, de forma que em muitos núcleos familiares, são eles considerados os únicos provedores do sustento material.

Na comunidade também encontramos mulheres que são funcionárias públicas, desenvolvendo atividades como agentes de limpeza escolar e auxiliar de cozinha na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Desmoret Passos¹¹.

Ao refletir sobre o adentrar destas mulheres no mercado de trabalho, encontramos estreita relação das funções que exercem na escola com aquelas que desempenham no âmbito familiar, sendo os instrumentos de trabalho basicamente os mesmos, e o espaço da cozinha mantido sob seu total domínio. A lógica de incorporação destas mulheres no espaço público está permeada pela essência naturalizante que dita as funções e os espaços a serem ocupados por homens e mulheres.

A associação do trabalho desenvolvido pela mulher na esfera pública com aqueles que tradicionalmente lhe são impostos no âmbito reprodutivo familiar, traz a noção da mulher como “Força de trabalho secundária” (ABRAMO, 2007). Esta autora (2007), ao pesquisar a mulher no mercado de trabalho, desenvolveu o conceito de Força de trabalho secundária que estrutura-se:

[...] em primeiro lugar, a partir da separação e hierarquização entre as esferas do público e do privado e da produção e da reprodução. Em segundo lugar em torno de uma concepção da família nuclear na qual o homem é o principal ou o único

¹¹ Esta escola foi inaugurada em 2013 e atende alunos(as) da região do Baixo Madeira.

provedor e a mulher é responsável principal ou exclusiva pela esfera privada (ABRAMO, 2007, p. 17).

Ainda segundo a visão desta pesquisadora a entrada da mulher no mercado ocorre geralmente quando o homem, na qualidade de provedor da família, não pode cumprir com a sua função, devido a situações de desemprego, doença, separação, falecimento, dentre outras causas. No caso específico das funcionárias da escola, identificamos que uma delas presta serviço para o estado, pois não tem esposo¹² e é mãe de dois filhos, enquanto a outra é mãe de quatro filhos e precisa auxiliar no sustento do pai que já está idoso.

O trabalho, para estas mulheres, é encarado como estritamente necessário para assegurar o sustento familiar, devido à falta da presença do homem como provedor. Nesta conjuntura adversa para a realidade da mulher ribeirinha, conciliar o trabalho fora de casa com as atividades no âmbito doméstico provocou sobrecarga de trabalho, trazendo significativa transformação na rotina destas mulheres, uma vez que estas deixaram de executar tarefas que tradicionalmente ocupam o tempo das mulheres que vivem nestas comunidades, como o empenho nas atividades agrícolas, o fabrico da farinha e a pesca.

Ainda neste contexto da atuação da mulher ribeirinha em atividades produtivas, ao desenvolvermos pesquisas anteriores em Nazaré, em 2012, identificamos o envolvimento dessas mulheres em atividades ligadas ao turismo. Em Nazaré, de modo ainda incipiente, a atividade turística tem ganhado força nos últimos anos, uma vez que turistas motivados pelos atrativos existentes na localidade¹³ têm se deslocado principalmente nas datas dos festejos¹⁴ que são organizados na/pela comunidade.

Neste quadro de desenvolvimento do turismo, fizemos o levantamento dos equipamentos turísticos existentes em Nazaré e constatamos que existem três pousadas, um restaurante, uma lanchonete e um espaço para a realização de eventos. Ao averiguar estes empreendimentos, buscando compreender a dinâmica de organização e gestão, verificamos a presença de mulheres exercendo funções operacionais¹⁵ nas três pousadas e no restaurante.

¹² Não identificamos o motivo da monoparentalidade.

¹³ Os atrativos locais estão relacionados à natureza como forte elemento constituinte da paisagem ribeirinha e à cultura manifestada nos festejos que ocorrem durante o ano na comunidade.

¹⁴ Os festejos realizados durante o ano em Nazaré são: o Festejo de São Pedro e Festival Folclórico no mês de julho, Festa da Melancia em agosto, e o Festejo de Nossa Senhora de Nazaré em setembro.

¹⁵ As atividades operacionais nos empreendimentos hoteleiros dizem respeito aos serviços atribuídos a camareiras – limpeza geral e arrumação das unidades habitacionais – bem como as responsabilidades com o setor de alimentos e bebidas. No empreendimento ligado ao setor gastronômico a parte operacional está ligada à cocção dos alimentos, limpeza da cozinha e do salão.

Estes empreendimentos ora destacados são empresas de caráter familiar, estando, desta maneira, a família envolvida no desenvolvimento das funções e atividades necessárias ao seu funcionamento. Tanto nas pousadas, quanto no restaurante, as mulheres detêm o controle das atividades de cunho operacional, enquanto os homens são os responsáveis pela gestão do empreendimento, situação que resulta na seguinte conjuntura: o marido é considerado o proprietário e a esposa sua auxiliar.

Identifica-se que o movimento de ingresso destas mulheres no espaço privado e em atividades de cunho produtivo é determinado pelos papéis que estas desempenham no âmbito doméstico, fator que estrutura a hierarquização de funções que as subjugam a posições inferiorizadas e de subordinação ao homem.

Para além desse cenário já retratado, é possível compreender que a atividade turística promove uma alteração de valor, quanto às atividades tradicionalmente desenvolvidas pela mulher no contexto familiar, pois essas que antes não possuíam relevância, sendo consideradas como “inatividade econômica” (CISNE, 2015, p. 135), no turismo tornam-se economicamente ativas, visto que geram valor monetário. Sendo assim, funções que desde sempre fizeram parte do cotidiano da mulher ribeirinha como, fazer comida, limpar a cozinha e a casa, arrumar as camas, cultivar pequenas hortaliças próximo de seu domicílio, com o turismo, passam a ser consideradas de suma importância para a sobrevivência da atividade.

Ademais, o turismo é considerado por estas mulheres como atividade socializadora, pois as coloca em envolvimento direto com outras pessoas, proporcionando a valorização social destas. Uma das mulheres que entrevistamos “auxiliava” seu esposo nas atividades da pousada – Pousada Águia de Ouro – que possuíam, mas durante a enchente que ocorreu em 2014¹⁶ toda a estrutura do empreendimento ficou comprometida, causando o encerramento das atividades. Sendo assim, ao revisita-la em 2015, ela nos relatou que sente falta de trabalhar na pousada, pois ali era o local em que tinha a oportunidade de conhecer novas pessoas, de conversar e de fazer novas amizades.

O contato com o outro proporcionado pelo turismo, na visão dessas mulheres, promove o rompimento com o relativo isolamento local que é causado pela distância da comunidade em relação ao núcleo urbano mais próximo – Porto Velho é o Município mais

¹⁶ Período em que o Rio Madeira esteve aproximadamente dezenove metros acima do nível normal, desalojando grande parte da população residente não apenas em Nazaré, mas em várias comunidades de Região do Baixo Madeira. Estas comunidades atingidas foram encaminhadas a alojamentos no núcleo urbano do Município de Porto Velho.

próximo a Nazaré e dista 120 km – favorecendo o intercâmbio de informações e a interação com pessoas que possuem diferentes modos de vida.

No entanto, o encontro com estas mulheres nos possibilitou compreender como está estruturado seu cotidiano dentro do contexto específico do modo de vida ribeirinho. Procuramos evidenciar que, embora neste espaço as relações se estabeleçam a partir de princípios e saberes tradicionalmente constituídos, estas mulheres se apropriam do espaço de formas distintas, traçando trajetórias próprias de vida que remetem diretamente às diversas maneiras e intensidade de atuação no âmbito produtivo e reprodutivo.

Considerações Finais

Deste modo, diante das questões ora apresentadas e discutidas é possível afirmar que as mulheres da comunidade de Nazaré atuam em atividades no âmbito produtivo e reprodutivo, visto que assumem as responsabilidades que tradicionalmente são lhes atribuídas, mas também exercem funções na esfera pública, tanto em atividades agrícolas e extrativistas, quanto naquelas consideradas pluriativas.

Constatamos que embora as mulheres estejam diretamente engajadas na produção agrícola e extrativista, todo o processo de negociação e venda, que exige contato com agentes externos, é realizado por homens, competindo às mulheres desenvolver ações no espaço delimitado da propriedade rural.

Quanto ao emprego de mulheres em atividades pluriativas, ligadas diretamente à esfera pública, identificamos duas questões: as mulheres entrevistadas que trabalham fora do âmbito familiar ali estão por dois motivos específicos, porque o empreendimento é da família ou porque a família é monoparental, dependendo assim do sustento matriarcal; as ações desenvolvidas por estas mulheres encontram-se no domínio operacional vinculadas ao trabalho doméstico.

Contudo, embora as mulheres de Nazaré estejam presentes no espaço público, sua atuação efetiva, no que tange à tomada de decisão, se dá apenas no espaço privado – apenas em relação às atividades que lhes competem – visto que os processos decisórios e de gestão, para além da unidade familiar, estão sob o comando dos homens, circunstância esta que estrutura e constitui a saga cotidiana destas mulheres “beiradeiras”.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo – USP, 2007.
- BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, p. 31-46, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- CISNE, Mirla. **Gênero e divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- FECHINE, Elaine Filgueiras Gonçalves. **Mulheres ribeirinhas do Madeira: cotidiano envolto em brumas**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), 2007.
- LOPES, Luciane Gomes. **Vivência espacial das mulheres ribeirinhas: os espaços paradoxais do Distrito de Nazaré**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2013.
- MAIA, Doralice Satyro. A geografia e estudos dos costumes e das tradições. In: **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 71-98, 2001.
- MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 18-19, p. 111-130, 2006.
- MENEZES, Elisângela Ferreira. **A representação do lugar: um estudo sobre a juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré – RO**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2014.
- NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. Geografia e gênero em assentamentos rurais: espaços de poder. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro (orgs.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, p.137-147, 2011.
- RAGO, M. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURINI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, de. S. (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SORJ, Bila. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURINI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 107-119, 2004.